

## UM POEMA SUJO PASSADO A LIMPO!

Flávia Regina MARQUETTI<sup>1</sup>

- RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar um fragmento do “Poema Sujo”, de Ferreira Gullar, a partir dos postulados de Parret e Fontanille sobre o Sujeito da Enunciação e a lógica do encadeamento passional que, juntos, estabelecem uma modalização do tempo capaz de criar um Sujeito Observador distinto do Sujeito Sensível, inserido no fluxo dos fenômenos, e do Sujeito da Enunciação.
- PALAVRAS-CHAVE: Sujeito Observador; temporalização; alvo; seqüência; espaço tensivo; visão perceptiva.

### Pressuposto teórico

Todo ato de enunciação nos possibilita um mínimo significativo calcado em duas instâncias semânticas, constituídas por uma base paradigmática virtual e articulável pelo leitor. Ao efetuar-se o ato da enunciação ocorre uma *sintagmatização* dessas duas instâncias que se projetam sob a forma de *figuras contrastivas*. Enquanto meras figuras descritivas dentro do sistema da língua estas são apenas *estruturas correlatas virtuais*, mas a partir do momento que são actualizadas, assumidas por um actante, e passam a fazer parte da estrutura semio-narrativa, elas ganham um novo valor, pois estabelecem uma homologia dentro do discurso. Dessa correlação estabelecida, observa-se a conversão dos signos, análogos virtuais, dos códigos de partida, em semi-símbolos análogos contextuais - atuais - da ordem do poder ser e do poder não ser - fundados num contexto.

A escolha desses termos, destes pares de contrastes figurativos que se manifestam para o leitor como isotopias paradigmáticas, é feita pelo Sujeito Observador somado ao Sujeito da Enunciação, que Parret chama de *Sujeito Temporalisateur*, o qual é definido como uma rede modal. Esse sujeito enunciante constrói um tempo discursivo marcado pela *lógica do encadeamento passional* e é por isso, que esse sujeito temporalizador, não é mais visto como um sujeito modalmente inocente, já que a temporalização *tira partido* da modalização. Decorrente da modalização do tempo pelo sujeito é que percebemos a instalação, dentro do enunciado, de um sujeito observador, que não é o sujeito sensível inserido no fluxo dos fenômenos, nem o sujeito da enunciação (FONTANILLE, 1993, p.8).

<sup>1</sup> Departamento de Literatura – Recém-doutor FAPESP – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil.

Segundo Fontanille (1993,p.8-9), podemos fazer uma distinção entre dois termos semióticos: *o alvo (visée)* e a *seqüência (saisie)*. O alvo seria o ato constitutivo da *existência autêntica*; e a seqüência, o ato constitutivo da *existência inautêntica*, sendo que esses dois atos tensivos e perceptivos podem ser definidos de um ponto de vista especificamente semiótico. Por meio do alvo, do pontual, o sujeito da percepção se constitui e constitui o mundo visado como presença e co-presença, abrindo seu campo de presença de maneira a que ele seja atravessado pelo *por vir*, pelo *vir a ser*. Por meio da seqüência, do contínuo, o sujeito da percepção se constitui em outro, como observador, e fecha o campo de presença por medir, avaliar, ou simplesmente conhece o *por vir*. Dessa forma, a presença e a co-presença serão tratadas pelo sujeito observador como *existência*. De um ponto de vista genérico, a seqüência pressupõe o alvo, mas o sujeito da seqüência renuncia ao alvo; os dois atos, entretanto, mantêm-se, às vezes, em correlação e em concorrência.

A indicação do *por vir* se aplica a um espaço tensivo organizado, criador de um centro dêitico. Esse espaço tensivo é caracterizado pela intensidade da distribuição entre as forças em conflito; pelos surgimentos e desaparecimentos dos esboços do campo; pelos horizontes de surgimento e de desaparecimento que determinam os limites do campo e, finalmente, pela extensão desse fim. A coexistência de vários parâmetros dentro do espaço tensivo permite fazer variar o alcance da indicação, de forma que o *por vir* pode ser apanhado por um sujeito observador conforme a intensidade, a existência, a extensão (FONTANILLE, 1993, p.8-9).

Aliada à questão do espaço tensivo, Fontanille observa as variações do tempo na significação discursiva, que pode se apresentar com três ritmos diversos: *a aceleração*, tempo rápido; *o afrouxamento*, tempo lento; *o neutro*, tempo mantido sem alteração. Essas variações do tempo são percebidas de acordo com o modo sensorial utilizado. A aceleração produz um *choque*, um excesso de tensão; o afrouxamento produz uma diluição, uma difusão da tensão, no qual o limite é o *estado*. O neutro, simplesmente, mantém o desenvolvimento do *processo*. Em resumo, os três tipos de sintagmas discursivos são: *o golpe*, *o estado* e *o processo*. O modo perceptivo sensorial que determina o ritmo é dado por um sujeito observador anterior ao sujeito da enunciação e ausente do fluxo dos fenômenos. A hipótese levantada é que esse *Sujeito Observador* é o ente na estrutura discursiva-narrativa responsável pela organização do triângulo dêitico: tempo-espaço-actante. Seria ele o responsável pela *visão perceptiva*, apontada por Fontanille (1993, p.12-3), que reúne a fonte ao alvo e que produz uma fragmentação, uma distribuição desigual das tensões; bem como a delimitação do espaço tensivo e a “deitização” do mesmo.

De maneira metafórica, podemos dizer que o sujeito observador é o ente que *administra* o conflito das forças coercivas e das forças dispersivas presentes no espaço tensivo que é a narrativa. Retomando os conceitos de alvo e seqüência já apresentados, podemos pensar o sujeito observador como o responsável pela correlação

dos dois atos, ou seja, ele abre o campo e simultaneamente o fecha. É, em decorrência dessa possibilidade que ele é visto como organizador do espaço tensivo.

## POEMA SUJO

(Fragmento)

um galo  
rente a nós  
explode  
(no quintal)  
e a torneira do tanque de lavar roupas  
desanda a jorrar manhã. (GULLAR, 1979)

Ao analisarmos “Poema Sujo”, de Ferreira Gullar, tentaremos estabelecer a existência do *Sujeito Observador* neste, conforme o aventado anteriormente.

Logo a uma primeira leitura, estabelecemos uma divisão seqüencial do poema, cujo centro, ou elemento de transição, é formado pelos terceiro e quarto versos. O verbo *explodir*, 3º verso, no presente do indicativo, funda um movimento de expansão dentro do poema, estabelecendo um alargamento súbito, violento e ruidoso deste. Ocasionalmente uma contaminação desse expandir-se ruidoso e entusiasmado por todo o espaço e actantes do poema. Ao mesmo tempo, temos uma dupla concentração, um estabelecimento de limites no 4º verso: primeiro pelo adjunto adverbial *no quintal*, que delimita o espaço da explosão, circunscrevendo-o a um lugar relativamente pequeno, fora do alcance visual da “maioria das pessoas”, situado, geralmente, nos fundos de uma residência. Segundo, pelo sinal gráfico dos parênteses, que cercam o termo quintal, limitando-o ainda mais.

O terceiro e quarto versos formam o núcleo tensivo do poema, já que um tende para a exuberância, para o alargamento, para a multiplicidade, para fora, para o externo e o outro tende para o recolhimento, para a concentração, para dentro, para o interno .

A mesma duplicidade tensiva observamos nos demais versos. Nos dois primeiros versos, a concentração é marcada pela unidade inicial apresentada no poema pelo numeral *um*, *um galo*, que se expande, multiplica-se na pluralidade presente no segundo verso: *nós*, *rente a nós*. Do mesmo modo, vemos no quinto e sexto versos ocorrer primeiro a restrição, ao particularizar-se *a torneira do tanque de lavar roupas*. Dentro do espaço limitado do quintal, há um estreitamento ainda maior : *o tanque de lavar roupas* e, ainda mais uma vez, outra restrição: *a torneira* deste; para, no verso seguinte, expandir-se novamente com os termos *jorrar e manhã*. O verbo *jorrar* estabelece um eco com o verbo *explodir* através de algumas proximidades semânticas como: “*rebrantar*, *lançar com ímpeto*, *lançar de si*, *sair ou brotar com muita fluência*” (FERREIRA, 1986, p.1164). E, para reforçar essa relação de decorrência, o verbo *desandar* procede

o referido verbo (jorrar), e apresenta entre os seus sentidos “*decompor-se, alterar-se por influência de qualquer fator externo*” (FERREIRA, 1986, p.1164), no caso a explosão do 3º verso. O substantivo *manhã*, traz em si toda uma referência visual ligada ao amanhecer, ao clarear do dia, à expansão da luz e ao alargamento da visão.

Além dessas referências, podemos inferir outras dos termos *explodir, galo e manhã*. A explosão está ligada a uma figurativização de som, cor e luz. O galo avoluma-se e rebenta em canto, em som; enquanto a manhã, simultaneamente, ganha espaço em luz e cores. Temos, assim, uma simultaneidade de ocorrências, ou se preferirmos, explosões em cadeia, que se associam à vida, ao despertar, a um início, que só é percebido por poucos, devido aos elementos restritivos, limitadores do poema, que restringem o alargamento, embora não o detenham.

O encadeamento dado aos versos do poema busca uma quase simultaneidade dos atos, ainda que estes se sucedam na estrutura discursiva. O terceiro verso é o núcleo de uma ruptura, uma cisão e fragmentação perceptiva que irá nos jogar num emaranhado de sentidos novos - a explosão nos acorda e nos insere num movimento rápido, vertiginoso do tempo. O 3º verso é um susto, um *golpe* transformador de um *processo* anterior, marcado pela “insensibilidade”, e que nos leva, no último verso, para um novo *estado* perceptivo/sensível. A explosão detona uma relação tensiva: o movimento de alargamento e de estreitamento, percebido nos versos como um latejar, um pulsar.

A visibilidade, o ver, também é explorada nesse movimento de contração e expansão. O uso do artigo indefinido *um* no primeiro verso, marca além da unidade, uma dupla, ou ambígua indefinição: *um galo* pode ser lido, ou visto, como um galo qualquer, sem contorno figurativo especial; ou como um galo não notado, não percebido, não visto pelo *nós* que o sucede, *um galo / rente a nós*. Sob esta perspectiva é que conseguimos vislumbrar a separação do sujeito da enunciação do sujeito observador.

O sujeito da enunciação, ao usar o *nós*, 2º verso, faz uma soma do *eu + tu*, arrastando o leitor para junto dele na enunciação. Ambos, leitor e sujeito da enunciação, não percebem o galo junto, próximo a eles, a não ser no momento em que este explode e contagia o espaço, os actantes com a luz, que o faz visível, ainda que fragmentado, com o som e com a cor. Mas se o sujeito da enunciação está ora “cego”, ora fragmentado, quem é o responsável pela delimitação espacial e temporal que se segue? Só podemos pensar em um sujeito observador que, se comparado a uma câmera de cinema, faz- nos entrar no poema, a princípio, junto, no mesmo plano do sujeito da enunciação - dentro da cena e, posteriormente, eleva-se, saindo do plano de visão comum ao sujeito da enunciação e nos mostra os limites físicos da cena: o quintal. Ele fecha o campo da explosão, delimita o “golpe” a um setor.

Assim sendo, temos dois movimentos distintos desse sujeito observador: um primeiro no qual ele assume a visão de sujeito da enunciação, restringindo o plano ao campo de visão desse actor - *é o alvo*, o pontual de que nos fala Fontanille. E num segundo movimento, o sujeito observador abre o plano, deixa a visão do sujeito da enunciação e o insere na cena, que agora é vista sob outra perspectiva, não mais a do actor, mas sob a que mede e avalia a *seqüência*, o contínuo do movimento. O “close” na torneira do tanque de lavar roupas pode ou não ser a visão conjunta do sujeito observador com o sujeito da enunciação, mas a delimitação feita no 4º verso é um fazer específico do sujeito observador.

Como dissemos anteriormente, o sujeito observador é o responsável pela visão perceptiva que reúne a fonte ao alvo, delimita e organiza o espaço tensivo. Ao dimensionar as variações temporais: aceleração, afrouxamento e neutro, o sujeito observador concatena a coexistência dos vários parâmetros dentro do espaço tensivo.

É possível ainda pensarmos numa outra fusão, ou concatenação existente no poema: a sobreposição do sujeito da enunciação, do leitor e ainda do sujeito observador no pronome *nós* do 2º verso. Esse amálgama de sujeitos e de múltiplas percepções é reforçado pelo título do poema: *poema sujo*. O adjetivo sujo tem como uma de suas possibilidades, menos usuais, a de elemento “em que há muitas incorreções ou emendas”, ou ainda “*contagiado*” (FERREIRA, 1986, p.1901). Sob esse prisma, a fusão e contágio dos sujeitos pela explosão permite várias emendas, ligações que buscam ampliar a visão, os pontos de vista, de um dado momento.

MARQUETTI, F. R. A dirty poem turned into a fair copy!. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 59-64, 2003.

- **ABSTRACT:** *The objective of this study is to analyze a fragment of the Poema Sujo, by Ferreira Gullar, starting from Parret's and Fontanille's postulates on the Subject of the Enunciation and the logic of the passionate linkage that together they establish a time modalization which is able to create an Observer Subject, inserted in both phenomena flow, different from the Sensitive Subject and Subject of the Enunciation.*
- **KEYWORDS:** *Observer Subject; temporalization; target; sequence; tensive space; perceptive vision.*

## Referências

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GULLAR, F. Poema Sujo. In: \_\_\_\_\_ . **Antologia da literatura brasileira**. São Paulo: Marco, 1979. v.2.

FONTANILLE, J. Introduction. In: \_\_\_\_\_ . **La pensée linguistique**: temps et discours. [S.l.]: Univ. de Louvain, 1993.

